

PARANÁ | AGOSTO DE 2012 | EDIÇÃO 13 | ANO II

Relevo

*Priscila Schip
Luíz Horácio
Cilene Tanaka
Ana Paula Maia
Matheus Toniolo
Arthur Tertuliano
Cristiano Castilho
Ricardo Domeneck
Ricardo Corona
Daniel Zanella
Mateus Ribeirete
Marcelo Spalding
Ivana Arruda Leite
Rodrigo Garcia Lopes
Marcelo Reis de Mello
João Anzanelo Carrascoza*

Relevo

Editorial

Foram 25 edições, mais de 220 escritores, 30 fotógrafos e 20 ilustradores, dois anos de impressão regular – nem tão regular assim, já que muitas vezes o jornal quase que só saiu na metade do mês, depois da última arrecadação para pagar a gráfica... É bem difícil estabelecer um cerne e um balanço preciso deste período de muitas vozes, riscos, imperícias, acertos e erros. Foram muitos os colaboradores, os retornos, as sugestões, uma gente quixotesca que acreditou no projeto e fez muito mais do que imaginávamos ser possível, um impresso que começou com oito páginas, agora está com 16, que teve Rogério Pereira e só mais cinco escritores na primeira edição e hoje conta com mais de 20 colaboradores, sendo que alguns até enviam inéditos à redação, apesar de não pedirmos e ficarmos constrangidos por não conseguir pagar ninguém à altura de seus méritos.

O Relevo foi fundado com o intuito de ser um impresso-habitação para cronistas locais, até porque o editor – repetitivo – sempre teve incursão no gênero. Entretanto, foi uma grata satisfação ir descobrindo novos escritores, conseguir as letras dos medalhões, investir na força dos autores com livro em lançamento e trabalho em progresso, abrir as nossas páginas para todo tipo de manifestação, do hai-cai ao artigo, sem nenhum tipo de intervenção pública ou capital que não fosse de nossos amigos e anunciantes, quando ambos não foram uma coisa só. – E nada de vitimização por aqui. Essa conversa de que o poder público não

Apoio Cultural

AVON



Jornal União

faz nada já deu, não? Um impresso literário precisa de aproximadamente duas pessoas e uma boa dose de cara de pau.

Se fosse possível pra você, leitor, enxergar por detrás destas linhas de papel que mancha as mãos, você veria um editor de olhos marejados. (Pronto, já passou...)

Mais um ano e um ciclo que fecha. Muito obrigado a todos.

E uma boa leitura também.

Meus tempos de menino

Mas os bondes. Nada fácil esquecê-los. Os abertos, que a gente pegava e de que saltava andando; os fechados, a que chamávamos camarões. Vinham, volata, que cantavam nos trilhos, correndo desde o Largo do Correio, pegando toda a Avenida São João, entrando pelos bairros e acabando lá longe, no Anastácio. Ou, ainda melhor, lá em Domingos de Moraes. Uma viagem em todos os sentidos.

João Antônio

Colaboradores

Dox

Ilustrador paranaense. Publica seus trabalhos no endereço blog.peixesdelirantes.com

Osvalter Urbinati

Ilustrador paranaense. Publica seus trabalhos no endereço osvalter.blogspot.com.

João Anzanelo Carrascoza

Escritor nascido em Cravinhos (SP). Redator de propaganda e professor universitário, publicou os livros de contos *Hotel Solidão* e *O vaso azul*. Também é autor de novelas e romances para o público infanto-juvenil.

Ricardo Corona

Mestre em Estudos Literários pela UFPR, poeta, tradutor e autor de *Curare* (Iluminuras, 2011). Publica seus trabalhos no endereço blogdocorona.blogspot.com.br.

Matheus Toniolo

Escritor curitibano, estudante de letras na UTFPR. Publica seus textos no endereço olhardoperegrino.blogspot.com.br.

Cilene Tanaka

Escritora e atriz, integrante do Núcleo de Dramaturgia de Curitiba. Publica seus textos no endereço languidezsubstantiva.blogfatal.com.

Cristiano Castilho

Jornalista curitibano, editor do caderno Gaz+ da Gazeta do Povo.

Ivana Arruda Leite

Mestre em sociologia pela USP e autora de contos e romances, como *Histórias da Mulher do Fim do Século* (1997, Editora Hacker). Publica seus textos no endereço doidivana.wordpress.com.

Marcelo Spalding

Professor, escritor e jornalista, mestrado e doutorando em Literatura e Novas Tecnologias pela UFRGS. Publica seus trabalhos no endereço marcelospalding.com.

Priscila Schip

Jornalista e escritora curitibana. Publica seus textos no endereço letrastracadas.com.

Marcelo Reis de Mello

Poeta e editor curitibano, autor de *Esculpir a Luz* (2010, Cozinha Experimental).

Mateus Ribeiro

Cursa 5º período de Letras na UTFPR.

Luiz Horácio

Jornalista, dramaturgo e roteirista de cinema gaúcho.

Arthur Tertuliano

Escritor e mestrando em Estudos Literários pela UFPR. Publica seus textos no endereço oleitorcomum.blogspot.com.

Rodrigo Garcia Lopes

Poeta, jornalista e tradutor londrinense, autor de *Nômada* (Lamparina, 2004). Publica seus textos no endereço estudiorealidade.blogspot.com.

Ricardo Domeneck

Escritor e artista visual brasileiro, radicado em Berlim. É autor de *Carta aos Anfíbios* (2005, Editora Bem-Te-Vi) e publica seus trabalhos no endereço ricardo-domeneck.blogspot.com.

Daniel Zanella

Cursa 6º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Sei não, esse piá...

Ricardo Pozzo

Escritor e fotógrafo radicado em Curitiba.

Ana Paula Maia

Escritora carioca, autora de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009, Editora Record). Publica seus textos no endereço killing-travis.blogspot.com.br.

✓ Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Fotógrafo responsável: Ricardo Pozzo

Impressão: Folha de Londrina

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 1º de agosto, 20h.

🗨️ Contato

twitter.com/jornalrelevo

Facebook: Jornal Relevo

Envie suas crônicas, críticas e sugestões para

jornalrelevo@gmail.com

PDF's das edições anteriores:

issuu.com/jornalrelevo



O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Meu tio matou um cara / Futebol de sábado / Sistema de cotas

Daniel Zanella

Seu tio matou um cara. Assim, em tom quase jocoso, meu pai informa da última turnê de meu tio, um bêbado notório, um caco velho, destes que emprestam cinco reais oferecendo a mãe morta de garantia. Ele está foragido e pode ser que queiram saber algo de nós ou de mim, não sei – eu que não o lembro em meu coração há muito tempo.

De seus traços, recorro apenas de seu rosto cavado típico de cocainômano, cambaleando todo em ossos nos bares sujos aqui de perto, eu, igualmente triste, vendendo-o sem centro enquanto voltava a pé para casa nas quartas-feiras de futebol, semelhantemente bêbado e sem futuro, porque o nosso time perde e se pranteia os amores duradouros.

Parece que tudo se passou num bar, é o que diz meu pai enquanto assiste o noticiário da televisão – a Avenida Marechal Floriano Peixoto está em obras.

*

[*Entre Quatro Paredes* é o relato intimista de um casal que perde um filho jovem, assassinado pelo ex-marido de sua namorada. É um percurso de dor, incomunicação, raiva e não-aceitação.



Ricardo Pozzo

Como diria uma velha canção americana, o dia é longo e difícil é o amor.]

*

Chove muito no churrasco de sábado à tarde, mas nada impede que o futebol de sete flua com toda a impetuosidade e temeridade dos atletas de fim de semana. De longe, observo os escorregões grotescos e os meiões de todas as cores que você possa imaginar, em combinações ainda mais pitorescas, senhores de abdômen avantajado reclamando dos meninos que não correm, goleiros que batem roupa duas vezes por lance, reservas que se retiram mais cedo do campo e procuram imediatamente os copos de

cerveja para repercutir a partida, um certo tipo de beleza vaudevillesca e popular. [E no nosso churrasco, a cada hora as bebidas nos tomam e os desejos se percorrem em cada conversa sobre as paixões e a poesia dos corpos.]

*

Depois de vinte e um dias, voltei a beber. Acabaram os remédios da pneumonia e os exames dizem que não tenho mais nada, exceto pela constatação de que sou um fumante passivo e que ganho muito mal.

Morrer, de fato, não faz parte de meus planos, ainda tenho muito para me arrepender, mulheres que amarei com toda a intensidade das noites alcoólicas, paixões que me farão

sofrer e escrever para tentar sentir menos.

Morrer é demais, meu tio. Você pode fugir, mas não há como fugir da territorialidade de você mesmo.

*

Minha querida, não sei ser engajado assim, é como se eu fosse impelido a me internalizar, diferentemente de você, sempre tão colorida em suas defesas – mas sou a favor do sistema de cotas em curto prazo, mesmo sabendo que dificilmente viverei em um país em que isso não seja mais preciso.

Então, acaricio calmamente seus cabelos antes que a noite acabe e eu volte a me obscurecer em minhas contradições.

O trabalho sujo dos outros

Ana Paula Maia

O lixo está por todo lugar e é de várias espécies: atômico, espacial, especial, hospitalar, industrial, radioativo, orgânico e inorgânico; mas Erasmo Wagner só conhece uma espécie de lixo. Aquele que é jogado pra fora de casa. A imundície, o podre, o azedo e o estragado. O que não presta pra mais ninguém. E serve apenas para os urubus, ratos, cães, e pra gente como ele. Costuma trabalhar no caminhão de lixo parte do dia, com escalas alternadas no turno da noite. Conhece o conteúdo de alguns sacos só pelo cheiro, formato e peso. Já teve tétano. Já teve tuberculose. Já foi mordido por rato e bicado por urubu. Conhece a peste, o espanto e o horror; por isso é ideal para a profissão que exerce.

Leva para casa para revender aquilo que acha em bom estado: colchão, estrado de cama, vaso sanitário, portas, armários, grades, cofres, cadeiras, canos e o que mais puder ser aproveitado. Lucra metade de seu salário com a venda do lixo.

Não pensa nos miseráveis dos aterros sanitários que também poderiam lucrar com o que há de melhor no lixo. Ele realmente não se importa. Assim como quem está acima dele não se importa também. Na escala decrescente de famintos e degenerados, ele ocupa um posto pouco acima dos miseráveis. É como levar um tiro de raspão.

No itinerário de Erasmo Wagner são recolhidas mais de vinte toneladas de lixo por dia. A riqueza de uma sociedade pode ser medida pela sua produção de lixo. Vinte toneladas num itinerário consideravelmente pequeno o faz pensar no tanto que se gasta. No tanto que se transforma em lixo. Mas tudo vira lixo, inclusive ele é um lixo para muitas pessoas, até para os ratos e urubus que insistem em atacá-lo. Mas não liga, esses

agem por instinto. Sentem seu cheiro podre e avançam. Os outros, seus semelhantes, não avançam, eles recuam para longe. Como fazem com os detritos que jogam pra fora de casa, os restos contaminados. O seu cheiro afasta as pessoas para bem longe.

Sua vida não é um lixo. Sua vida é muito lixo. Seu olfato está impregnado com o aroma do podre. Seu cheiro é azedo; suas unhas, imundas; e sua barba crespa e falhada é suja. Ninguém gosta muito de Erasmo Wagner. Dão meia-volta quando está trabalhando e ele prefere assim. Prefere os urubus, os ratos e a imundície, porque isso ele conhece. Isso o sustenta. As pessoas em geral lhe dão náusea e vontade de vomitar.

Sua namorada, Suzete, não se importa. Suzete é faxineira de banheiro público. Ela cheira a mijo, bosta e pinho.

— Como assim estenderam o itinerário? — grita Erasmo Wagner, ensopado de chuva para o motorista do caminhão.

— A gente tem que cobrir mais dois quarteirões — responde o homem.

— Mas por quê?

— O outro caminhão quebrou no meio da coleta. A gente precisa terminar o serviço deles.

Erasmo Wagner não gosta de fazer o trabalho sujo dos outros. Joga mais dois sacos na caçamba do caminhão, aciona o compactador de lixo e em seguida sobe no estribo do carro agarrando-se a uma barra de ferro. Ele já está bem acostumado a se segurar ali. De pé, mesmo em curvas fechadas, consegue cochilar.

— A gente recolhe o lixo extra, mas não vai receber mais por isso, né? — pergunta Valtair, o trabalhador novato.

— Pode apostar que não. A gente tinha que ganhar por tonelada que recolhe. E o pior é que sempre tem um lixo extra.

O caminhão barulhento para



Ricardo Pozzo

a cinco quadras dali e iniciam a coleta do lixo extra.

— Não gosto de rua de gente rica — diz Erasmo Wagner. — Tem muito mais lixo.

— Eles têm mais dinheiro pra gastar, é isso — responde Valtair.

A chuva engrossou nos últimos minutos. O tempo escureceu. No meio da tarde, eles avistam trevas. Vestem uma capa preta de plástico. Parecem mercadores da morte recolhendo sacos pretos e despejando conteúdos nojentos de latões de lixo direto no compactador, ou, como eles chamam, na boca da “esmagadora”.

— Dinheiro sempre vira lixo. Lixo e bosta — diz Erasmo Wagner. — Meu primo Edvardes trabalha desentupindo esgoto. Isso sim é um trabalho de merda. Você precisa ver o esgoto das áreas mais ricas. Ele diz que é uma bosta densa.

Erasmo Wagner corre para apanhar um saco de lixo grande que caiu na rua. Chuta um vira-lata que abocanhou uma cabeça de galinha. Obicho foge grunhindo sem largar o pedaço de carne podre. Joga o saco na caçamba do caminhão.

— Bosta pesada? — pergunta Valtair, rolando um latão.

— Isso. É merda concentrada. Comida boa faz isso. Merda de pobre é rala e aguada. O Edvardes conhece a pessoa pela merda que produz. Ninguém engana ele não. Ele sabe das coisas.

Eles correm de um lado para o outro recolhendo sacos grandes e pequenos. Disputam a chutes com os cachorros o lixo que precisam recolher, e a tapas, com os mendigos que buscam o que comer. Valtair espera que um mendigo termine de vasculhar um dos sacos de lixo. Erasmo Wagner puxa o saco e joga no caminhão. Valtair sente-se desolado.

— Daqui a uma semana você vai tratar todo mundo igual. Cachorros e mendigos — diz Erasmo Wagner. — O cheiro podre faz isso. Daqui a um tempo você só vai sentir esse cheiro.

Erasmo Wagner abaixa-se para desgrudar das botas algumas folhas de jornal cagadas. A chuva continua intensa. O tempo está abafado. O lixo mais azedo que o normal.

— Não dá pra esperar pelos

cachorros e mendigos — Ele diz. — Eles fodem com o nosso trabalho. Espalham comida pra todo canto. Cagam tudo.

— Anda logo aí, vocês! — grita o motorista do caminhão.

Erasmo Wagner não gosta do motorista do caminhão. É um sujeito asqueroso que não gosta do lixo. Só gosta de dirigir e fumar. Acende um cigarro e come meia tigela de angu à baiana sentado ao volante, enquanto eles correm, sem descanso, debaixo da chuva grossa. A cabine é para o motorista. O estribo localizado na traseira do caminhão é para o coletor. Não importam as condições climáticas, é lá que ele vai; equilibrando-se sobre o estribo, agarrado a uma barra de ferro ou corda. O que importa mesmo neste trabalho é recolher o lixo e respeitar as hierarquias.

O caminhão em que trabalham não possui sistema de coleta semiautomatizada. Eles precisam mesmo colocar a mão na sujeira. São todos os tipos de riscos. Mas riscos estão por toda parte.

Depois de uma corrida, Valtair retorna com uma galhada.

— Você não pode colocar isso

aqui — diz Erasmo Wagner. — É o outro pessoal da coleta que pega isso. A gente fica só com o lixo dos sacos. Galhos estragam a “esmagadora”.

Depois de concluírem a coleta dos dois quarteirões extras, eles pulam pra cima da caçamba apoiando-se nos estribos e sacudirão até voltarem para o depósito. Sacudirão cerca de vinte minutos seguidos. Isso dá bastante tempo pra pensar na vida. Os vinte minutos se estendem em quase uma hora. A chuva causou engarrafamentos por quase toda a cidade. A merda está saltando dos bueiros, o asfalto está se rompendo e isso indica mais sujeira no dia seguinte.

Do outro lado da rua, em meio ao engarrafamento, escutam gritos e latidos. Um homem idoso está sendo atacado por um cão pit bull feroz como um cão de rinha. O homem cai, eles correm para ajudar. Valtair tenta espantar o animal com um pedaço de pau. Isso só o deixa mais enfurecido. O motorista do caminhão vê pelo retrovisor o que está acontecendo. Ele abre a porta e desce rápido. Cai no chão e levanta-se em seguida. O cão tenta abocanhar o pescoço do velho. Ele tenta se defender. Valtair grita tentando espantar o cão.

Erasmo Wagner apenas olha a cena. Já foi mordido por um cão quando criança. Já tomou pauladas de um velho por ter roubado duas laranjas, quando criança. Ele estava com fome naquele dia, e ainda não tinha força nem tamanho para trabalhar ou se defender, tanto do cão quanto do velho.

Para ele pouco importava quem sobreviveria. O cão rasgaria o velho. Velhos têm a pele mole, ele sabe bem disso, pois já matou um. Mas isso faz tempo e o velho não prestava. Ele já pagou pena por isso, está livre para coletar o lixo do mundo inteiro se precisar. A cadeia o fez apreciar os dejetos.

Valtair está quase chorando. Ninguém ali poderá fazer nada, a não ser ele. Estala os dedos e apanha um canivete do bolso do casaco. Pula em cima do cão e crava o canivete em seu pescoço. O cão



Ricardo Pozzo

parece não sentir nada. A fúria anestesia o corpo. Erasmo Wagner também sabe disso. Puxa o cão contra seu próprio corpo e rolam pelo chão. Ele grita para o motorista ligar a “esmagadora”.

Erasmo Wagner é um brutamontes. Antes de coletar lixo, quebrou asfalto com uma britadeira durante seis horas por dia. Rachou mais de 30 quilômetros de asfalto debaixo de sol escaldante. Faz tempo que não briga, que não defende ninguém, a não ser ele mesmo.

O motorista arrasta aquela pança enorme pra dentro do caminhão novamente. Erasmo Wagner abraça o cão pelas costas. Corre para o caminhão. A esmagadora está pronta para mastigar detritos e ossos caninos. Ele joga o cão lá dentro e consegue desenterrar seu canivete de estimação do pescoço da besta-fera pouco antes de a esmagadora arriar. Pedacos do cão são devorados e regurgitados. O sangue e um pouco de tripa espirram em Erasmo Wagner. Ele limpa o rosto com as costas da mão. As entranhas da besta fedem

a carniça. Depois de tudo, Erasmo Wagner precisará tomar mais cuidado pra não ser devorado pelos ratos e urubus.

Valtair ajuda o velho a se levantar. Ele se feriu pouco. Alguém chama um guarda num posto policial próximo. O dono do cão aparece. Quer saber onde está o animal. Erasmo Wagner mostra o que há na “esmagadora”. O rapaz agacha-se e vomita açaí com granola. Quer ser indenizado. Quer discutir.

— Você sabe com quem está falando? — pergunta o rapaz.

— Eu conheço o seu lixo — diz Erasmo Wagner. — Eu sei com quem tô falando.

Diz isso e parece ser bem maior do que é. Enfurecido e ensanguentado ele se torna assustador. O rapaz se cala. O policial quer levar todo mundo pra delegacia.

— Ainda tenho trabalho pra fazer — diz Erasmo Wagner.

— Vamos todos pra delegacia — fala o policial. — Vocês, o caminhão, até porque o infrator está dentro do caminhão, certo? Então preciso levar todo mundo pra delegacia.

— Ele tá dentro do compactador — diz Valtair.

— A gente leva o que sobrou assim mesmo.

Horas depois, eles são liberados. Os restos mortais do cão serão recolhidos pelo dono ao chegarem no depósito. Ordem do delegado. O cão terá direito a um enterro. O velho decide dar uma gratificação de quinhentos reais a Erasmo Wagner. Ele não aceita. Despede-se e pula na traseira do caminhão acompanhado por Valtair. Foi um longo dia. A chuva parou faz tempo. A noite está abafada.

Estão exaustos e famintos.

— Ainda não sei como você conseguiu jogar aquele bicho dentro do caminhão.

— Eu odeio cães, Valtair. Odeio quase tudo o tempo todo.

— Por quê?

— Não sei.

Erasmo Wagner olha para dentro da caçamba e pensa que já não há espaço no mundo pra tanto lixo. Que serão todos sufocados por ele. Um mar de imundície sacrificará a humanidade com seus próprios dejetos.

— Tem lixo demais no mundo... talvez seja isso. — murmura Erasmo Wagner.

— Você se importa? — pergunta Valtair.

— Nem um pouco. Sei que trabalho não vai faltar.

— E eles dizem por aí do ecossistema, né?

— Estou pouco me fudendo pra essa porra de ecossistema. Quando o mundo estiver mais na merda do que tá, já morri faz tempo. — Faz uma pausa. Acende um cigarro. — Não me olha com essa cara. Você também está pouco se fudendo. Estou preocupado mesmo é com o meu dente podre. Dois. Estão doendo pra cacete. Ele aperta o rosto e dá um gemidinho. Cospo um pouco de sangue dentro da caçamba.

— Mesmo podre o seu dente vai durar bem mais que você — diz Valtair. — Dente dura milhões de anos. Mesmo podre.

Erasmo Wagner não diz mais nada. Fica calado durante o resto da viagem até chegarem ao depósito. Está esgotado. Foi um dia de merda e espera que a noite seja melhor, mesmo abafada.

Afeto arcaico

João Anzanello Carrascoza

ESTÁVAMOS EM 1994. Eu havia terminado de escrever Hotel Solidão, com o qual recebera o prêmio do Concurso Nacional de Contos do Paraná.

Olivro, contudo, continuava inédito. Marçal Aquino tinha publicado seu Miss Danúbio pela Scritta e encaminhou meu original para a editora, que o aprovou. Minha estreia, enfim, se deu, e as críticas foram positivas. Mas o que mais gostei foi o recado que recebi um dia ao voltar do trabalho: Raduan Nassar havia me ligado. E deixado seu número de telefone.

Liguei, um tanto incrédulo. Era ele mesmo! Era o Raduan Nassar, autor de Lavoura Arcaica e Um Copo de Cólera, obras que eu lera anos antes – e que haveria de reler sempre. O poeta Fernando Paixão enviara a ele um exemplar do meu livro e Raduan gostara.

Convidava-me para um café, num fim de tarde, em sua casa. Peguei o ônibus e fui. Falamos da vida, das cidades pequenas – ele, de Pindorama; eu, de Cravinhos –, das antigas lavouras de café que haviam

cedido espaço a plantações de cana. Depois, falamos do meu livro.

Claro, naquela tarde, e em outras em que lá estive, aprendi muito sobre minhas virtudes e, em especial, sobre minhas limitações literárias. Se Drummond e Sabino haviam recebido, por meio de cartas, conselhos de Mário de Andrade para o aperfeiçoamento de sua escrita, eu o recebera de viva voz de um escritor cuja obra, para mim, era – e continua sendo – um exemplo de literatura maior.

De súbito, eu me tornara um bem-aventurado!

Sim, foram encontros de "formação". Mas o que aprendi com Raduan acerca do ato de escrever, mesmo que ele jamais se arvorasse em postura professoral, só serve para mim. E não foi o mais importante.

O que vale compartilhar aqui é o aprendizado da gratidão. E só há gratidão sincera se há, do outro lado, generosidade desinteressada.

Assim, descobri um tipo de vínculo que não advém das afinidades eletivas, mas das afetivas. Naquelas conversas



Ricardo Pozzo

tranquilas, por vezes divertidas, com Raduan, veio à tona em mim um afeto que, em verdade, habitava minhas profundezas desde sempre.

Um afeto arcaico – desses que nos move a lutar por causas perdidas, ou a escrever sobre a nossa irremediável condição.

Depois publiquei O Vaso Azul, Duas Tardes e Dias Raros, livros que contaram antes com a leitura crítica do Raduan, uma dádiva que nunca imaginei merecer – eu sempre pedi pouco ao mundo.

Então, envelheci. Não sou mais aquele jovem estreante, mas um escritor há tempos no

caminho. E, claro, aconteceu o que costuma acontecer entre nós e algumas pessoas queridas: o sentimento é tão forte que a ausência se faz presença. Não é preciso mais estar perto para se sentir junto.

Na última vez que nos encontramos, em 2007, eu havia lançado O Volume do Silêncio. Junto com o então editor da Cosac Naify, Augusto Massi, almocei com Raduan em sua casa e passamos a tarde conversando.

A vida estava ali, entre nós, e a gente fazendo com ela só o que se pode fazer nessa e em todas as outras horas: vivendo-a.

Meses atrás, violentando a minha timidez, telefonei para dizer a ele uma verdade simples, tão simples que a muito custo me saiu: "Estou ligando só pra dizer que gosto muito de você". O que mais se pode dizer nessas ocasiões?

Sei que, com este texto, fujo de seus ensinamentos, sobretudo porque sempre fui fiel ao nosso silêncio. Mas, valendo-me das palavras de um de seus personagens, acho mesmo que só deve usar a razão quem nela

incorpora suas paixões. Às vezes, para declararmos nosso afeto, temos de desrespeitar os mais velhos.

Paixão pelo Real

Cilene Tanaka

Vem, que todo meu corpo é uma só zona erógena
Vem, encontrar o ponto G da minha poesia
Vem cá, me abraça, me beija
Baba na minha boca
este teu fonema túrgido
Vem, tira tua roupa
que eu te mostro cada pedacinho
de substantivo meu

Me pega com força,
tira de mim cada onomatopeia,
Joga na cama
cada oração sintática

Ai! que, só de pensa

em tudo o que vou fazer com tua metáfora
me faz tremer
com cada pedaço de aliteração
E gozar,
de tanto me esfregar na tua musicalidade.

"Queres que eu lamba tua estrofe?"
Questiona-me tu, charmoso
"Sim, sim" derreto-me secundando
Pego no teu Heptassílabo
Aperto-o com força
Sacudo-o, remexo-o
Até que ele exploda
Num Shakespeareano
de suor e sacanagem.

Ricardo Pozzo

Duas ou três palavrinhas a título de conselho para Fabrício Corsaletti

Ivana Arruda Leite

Me desculpe, Fabrício, mas se me perguntassem quem no mundo não conseguirá tirar visto para os EUA eu diria: o Fabrício Corsaletti. E não é pelo fato de você ser poeta, andar sempre com a cabeça no mundo da lua, ser um cara sensível, amoroso, corintiano. Nada disso. O problema é que você contraria frontalmente a lógica americana. Há pouco mais de um mês eu tirei meu visto. Sei bem o calvário que você passou. Além de preencher os formulários e pagar as taxas, ainda tem a bendita foto. A que eu levei não serviu. "A senhora pode tirar o seu brinco, por favor?", disse o cara que me fez tirar uma minúscula bolinha de ouro que trago na orelha há séculos. Agora sim, com a foto nova + o recibo da declaração de imposto de renda (importantíssimo) + o extrato bancário dos últimos três meses + todos os documentos solicitados e outros que levei por minha conta (comprovante de residência provando que moro na mesma casa há 20 anos, 2 livros meus para o caso de eles duvidarem que eu fosse escritora, 1 retrato da Bebel mostrando como minha filha é linda), finalmente, eu estava pronta para a entrevista. Mas acredite, Fabrício (e agora vem o principal), nada disso teria valido se eu não tivesse seguido o conselho da minha irmã: "Ivana, se você for desse jeito que você anda, com esse cabelo, eles não vão te

dar visto nenhum. Vá bem chique". Eu obedeci. Me arrumei como para um velório. Meia de seda, salto baixo, saia sóbria, blusa discreta, casaco preto, óculos escuros. Mais chique impossível. E penteei o cabelo também. Até perfume francês eu passei. Pelo levantar de sobrancelhas do rapaz, parece que o perfume agradou. Depois de verificar os documentos, ele perguntou o que eu fazia. Entre os livros que eu levava na bolsa e o holerite da prefeitura, achei mais seguro sacar o segundo. "Tá aprovada", ele falou sem nem olhar o resto. Portanto, Fabrício, se conselhinhos te valem, da próxima vez não deixe de levar seu recibo do IR. Se possível, ingresse no serviço público. Mas não se esqueça de pentear o cabelo e ir o mais chique possível. Blazer azul-marinho pega muito bem. É a lógica americana. Um dia ainda nos vemos no sítio do tio Sam!

PS: o mais engraçado foi ver que na foto do visto eu estou com os brinquinhos de ouro.



Ricardo Pozzo

Matheus Toniolo

Pensando no parque

Vi uma briga entre patos no parque São Lourenço em Curitiba, na lagoa central
Dois ou três patos brigavam, mas todos berravam e armavam confusão
Patos são burros porque quando brigam não param de gritar
E é por isso que patos são irritantes e chamam muita atenção
Mas patos também são espertos, já que sabem nada e voar
Na mesma vida nadam na água e voam no ar
Agora, se eu pegar um pato e jogá-lo no fogo que fiz sobre a terra
Este pato será meu jantar.

Arrastão

Cristiano Castilho

Com a pompa e a inutilidade de um livro aberto dentro do aquário. Cabeça a prêmio. Quem surge rompendo barreiras invisíveis com o olhar na ponta da lança? Opaco por duas pupilas dilatadas, segue o rumo. Sem prumo. É como o barco que se ajeita porque não há o que fazer -- cambaleia em ondas iguais-iguais-iguais. A repetição, sabe bem, não é uma forma inteligente de criar. Repetir é um atentado. Recorrência é lodo. É como boiar em água salobra que esconde um buraco de oito mil metros de profundidade. Desumanizador.

Viver é gastar os sapatos dos dois lados, colocar a meia do avesso, uma só e sem querer, de vez em quando. É suar e sentir pingar, correr ao sol pela praia reclamando dos caquinhos de concha na sola dos pés que ai, ui. É fazer barulho no liquidificador às 11 da noite.

Mas te vejo, ora, sentado em plácido conforto me dirigindo olhos estreitos,

minguados pela carência e pela repetição covarde que desestimula até os mais criativos. Te enfrento e você está sentado com a coluna torta, de propósito, ruminando risadas já gastas, repetindo sorrisos só pelo ato de abrir a boca e mostrar os dentes, dentes alvos e perfeitos.

Penso, então, que sua vida é um marasmo. É uma ante-sala para o nada. [perguntas que nunca foram feitas:] com que recorrência você ri de maneira diferente?, o que mais lhe atrai hoje?, como está o seu processo criativo?, como está sua propriedade intelectual, o que (...)

(...) o que fazer depois de chegar em casa, e ligar a tevê, e dar risada repetida do desenho repetido que foi feito para adultos,? você diz [resposta:] "é um desenho que me faz rir de maneira infantil."

- Você tem oito anos?

2.

Agora um cachorro anda na calçada, ao lado de um

homem engravatado. Passa das 23 horas e a lua brilha de amarelo. O cachorro e o homem não se conhecem. O homem anda apressado porque tem medo de assalto - já passou por isso antes e não foi bom, ele sabe. O cachorro anda devagar porque quer comida. [experiências]. Todo dia é uma batalha contra sacos de lixos pretos reforçados e malditas sacolas duplas de mercado com vidros que se estilhaçam e que fazem sangrar. [experiências]. E você se repete. Pensa que está na plenitude zen, no feng shui, no paz & amor da porra toda e não, não está porque na tua cabeça, na tua cabeça tem teia de aranha.

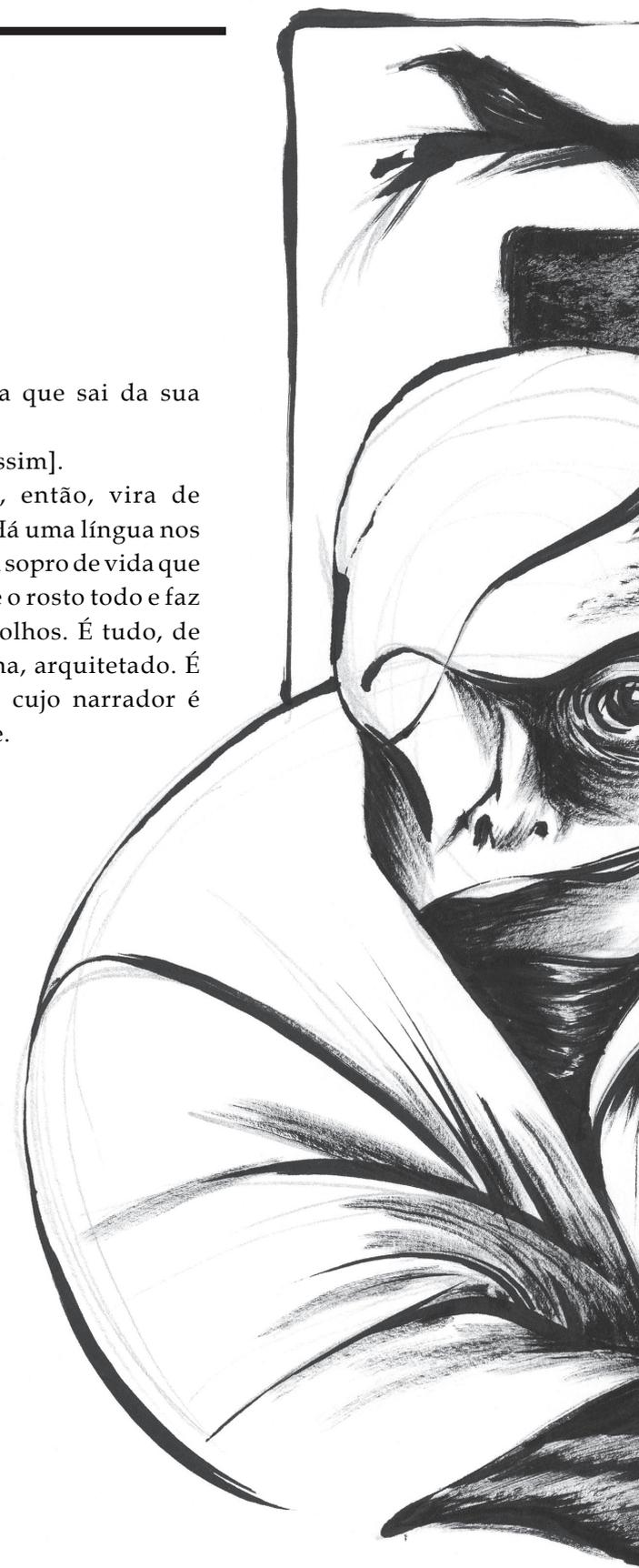
3.

Mexe um dos pés, tira a perna que estava sobre a outra porque amortece, e amortecer é um perigoso sinal de interrupção. Pensa na vida olhando para a janela, de soslaio, como se ela, se tudo aquilo lá fora, tivesse a mesma importância

da fumaça que sai da sua boca.

[não é assim].

O rosto, então, vira de repente. Há uma língua nos lábios, um sopro de vida que enrubesce o rosto todo e faz piscar os olhos. É tudo, de certa forma, arquitetado. É uma vida cujo narrador é onisciente.



Panificadora e Confeitaria

Pão e Vinho

Trabalhamos com livros sob encomenda

(41)3642-3552

Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

O JEITO
DIVERTIDO
DE DOMINAR
O CONHECIMENTO.



FISK

CENTRO DE ENSINO

DOMINE O CONHECIMENTO

FISK ARAUCÁRIA

R. JOÃO PESSOA, 35

TELS: 3642-3690

3031-7040

CONTATO@FISKARAUCARIA.COM.BR

WWW.FISKARAUCARIA.COM.BR



Na tevê, a atenção vagueia entre um comercial e outro. Não há a mínima possibilidade de concentração, de uma conversa interessante e duradoura, de um olhar penetrado que busque algo além do reflexo momentâneo, do extravaso requerido. Da troca de olhares sai faísca,

pois os quatro olhos se veem mesmo que não queiram. Medo e repulsa.

4.

A vida é uma brincadeira sem fim, pensa. É um exercício de assertividade. Quem é o cara legal que fez aquilo e quem disse aquela frase, e quem, quem foi o criativo que pensou naquelas cores tão absurdamente coerentes. Elas combinam.

Uma vida esvai-se em comida de plástico. É uma decisão incólume da última geração de seres humanos a cambalear em risadas desastrosas, fora de lugar. Porém são risos, e não lágrimas. [desculpas].

Esai a escola da vida e surge o que há de mais simplório, de risível, de visível.

- É que tentamos ser muitos enquanto nos esquecemos do singular que alguns amam e quase todos odeiam em nós mesmos.

5.

O tênis virado ao contrário já não diz nada - a mãe não vai morrer por conta dessa porcaria. Ele é chutado por um pé envolto numa meia branca, alvíssima, esfregada dias antes com as mãos enrugadas de alguém. Vai perdendo o branco, a meia, porque o dedão encontra o chão, sujo, não muito, mas o suficiente para tingir de

marrom, a verdadeira cor do inferno, aquele pedaço de tecido que nada importa. Quer é levantar rápido, com os pés firmes no chão para alcançar a geladeira e dar cabo de mais uma refeição corriqueira; ou atacar como criança mais uma caixa de bombons - poderiam ser todos iguais até, não há a escolha pelo que tem o recheio líquido ou o crocantesinho, e sim uma vontade desumana de matar uma fome que é circunstancial, latejante e esmagadora.

As mãos sujas. Na ponta dos dedos, a língua encosta. Chupa forte, baba. Pinga. Os olhos se reviram, é a contemplação do mundo, o gozo. Foda-se o frio de dentro, já passa, e o frio que mata lá fora, fodam-se as pessoas no ponto de ônibus - há três passos dali existe uma janela indiscreta que dá para a vida. Você quer é sentar de novo na poltrona, cobrir metade da cara com um cobertor fino e verde, quase de pelúcia, e se sujeitar à passividade da sua existência, se conformar com as recorrências que guiam suas convicções para qualquer lugar.

6.

Não se pode conversar sobre histórias de vida, nem sobre aquele texto genial que um jornal, quem diria, publicou. Porque jornal é coisa de

velho e história de vida cheira a ranço. [a vida é agora...]. Há um interessante aplicativo de celular que pode dizer por onde você anda, o que está fazendo, que fotos você compartilhou com o mundo. Mas não há um que te faça dizer literalmente, agora, o que você está pensando, nesse momento indeciframente existencialista.

- Não quis dizer isso.

A tevê urra. O volume é alto, mais alto, insuportavelmente alto, é impossível abrir a boca. A cara cai de lado no travesseiro amarelo, os olhos vermelhos piscam de maneira até engraçada quando a janela treme - um ônibus passa alheio ao que acontece ali, naquele mundinho de lego.

Os comentários agora rareiam. São rumores ruminantes indecifráveis, monossílabos guturais sobre qualquer cena que demore mais de dez segundos. É engraçado e animalesco. Deprimente, embora quase circense.

7.

Os olhos, cândidos, agora fecham. A mão cai por sobre as coxas grossas que ajudam a sustentar aquele corpo, uma linda máquina de se repetir que já pensa de novo, mesmo em uma realidade sarcasticamente edificante. Pensa no dia ensolarado e banal de amanhã.

AVON

the company for women

**Quer revender?
Entre em contato com a gente**

Jucélia

(41) 3031-2357

(41) 9663-7557



Micronarrativa e pornografia

Marcelo Spalding

Encontrei o orgasmo da literatura. Foi quando comecei a estudar a micronarrativa – ou microcontos. Em busca de uma metáfora para explicar a micronarrativa e compará-la aos demais gêneros, cheguei a conclusão de que a leitura de um livro pode ser comparada ao ato sexual, e o orgasmo seria, aí, o que os doutos antigos chamavam de clímax (também consegui uma comparação com o futebol, em que o clímax seria o gol, mas esta analogia mais pornográfica me pareceu melhor pela universalidade e polêmica). Avante, então.

Já se disse que micronarrativas são narrativas muito pequenas. Alguns citam *Um Apólogo*, de Machado de Assis, como um pioneiro deste gênero, mas a narrativa do mestre ultrapassa 500 palavras, além de estar inserida num contexto sócio-cultural completamente diferente daquele em que surge e se afirma a micronarrativa contemporânea. A raiz do gênero estaria no minimalismo norte-americano, que gerou um Raymond Carver inspirado na concisão de Hemingway e reducionista como só ele. Daí nasceu o termo Flash Fiction, que abarcaria contos curtos de até 1000 palavras. E com a redução cada vez maior do tempo de leitura e do tamanho dos contos, batizaram os norte-americanos de micro-fiction, uma ficção produzida com até 300 palavras.

Para entender como é possível uma narrativa tão curta, recorremos ao sexo. O que caracteriza uma relação sexual completa (não importa aqui se boa ou ruim) na cultura ocidental? O orgasmo, sem dúvida. Pode haver relação sem orgasmo, mas não se diria que seja completa. Mas pode haver sexo sem preliminares, até sem beijos, já diria o vampiro de Curitiba, desde que haja orgasmo. Pois bem, o mesmo ocorre com a micronarrativa.

Enquanto o romance é uma relação sexual profunda, calma, em que os parceiros tocam-se



Ricardo Pozzo

com carinho e perícia, beijam-se demoradamente, procuram os sexos com as mãos, um aperta os seios contra o peito, outra arranha as costas com a ponta das unhas, para finalmente haver a penetração e o gozo, a micronarrativa é a parte da penetração e do gozo. A rapidinha.

Provavelmente a sensação de prazer será maior na primeira relação, em que todo o clima criado pelo casal culminará num êxtase profundo. Exatamente a sensação do leitor ao final de um bom romance: inesquecível. Isso não quer dizer que o casal não goste muito, eventualmente, da relação fugaz e ardente de poucos minutos, menos de um minuto. O casal pode, por exemplo, estar há semanas sem se ver, provocando-se mutuamente por telefone, influenciados por um filme lascivo da TV, pensando na modelo do outdoor ou simplesmente com pressa para não perder o avião.

É provável que antigamente, no tempo dos contos de diversas páginas de Machado, o sexo também fosse mais longo. As relações, os passos, os bondes, a vida era mais devagar e por isso o espaço parecia maior. Não por acaso, o século XX inventou a manchete e o lead nos jornais, os logan na publicidade, o refrão na música, o avião, a internet. O tempo do mundo acelerou

a medida dos automóveis e, em pleno século XXI, parece impensável alguém ficar horas lendo uma única narrativa como *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo.

Além da pressa, o fato de as pessoas estarem acostumadas e até extenuadas de narrativas contribui para a possibilidade de um contato mais fugaz com a literatura sem que se perca o prazer deste contato, assim como o erotismo dos tempos modernos acelera relação, penetração e orgasmo de qualquer amante em condições naturais (não vale praticantes de yoga ou consumidores de Viagra).

No Brasil, o primeiro exemplar de “rapidinhas” foi chamado pelo seu autor de minitórias. É de Dalton Trevisan e foi publicado em 1994. Eis uma destas “rapidinhas” não batizadas:

Assustada, a velha pula da cadeira, se debruça na cama:

– João. Fale comigo, João.

Geme lá no fundo, abre o olhinho vazio:

– Bruuuuxa... diaaaba...

– Ai, que alívio. Graças a Deus.

Em trinta palavras o narrador apresentou personagens em movimento dentro de determinado espaço, caracterizando o básico de uma narrativa. Ainda que não estejam definidas as personagens nem delimitado o espaço, entende-se tratar de

um casal de idosos em sua casa. E isso basta. Provoca o riso no leitor, terminando a relação. É fugaz, provavelmente seja esquecido até se chegar ao final do livro, mas ficará a impressão geral do conjunto de narrativas.

Nos anos seguintes, diversos livros de “rapidinhas”, ou micronarrativas, foram publicados no país e alguns, inclusive, premiados. Entre agosto de 1998 e dezembro de 2001, João Gilberto Noll publica 338 pequenas narrativas na Folha de S. Paulo sob o título de *Relâmpagos*, textos que mais tarde, em 2003, seriam reunidos e publicados pela Francis no livro *Mínimos, múltiplos, comuns*, Prêmio Academia Brasileira de Letras em 2004. Em 2001, Luiz Rufatto surpreende com *Eles eram muitos cavalos*, onde conta 70 histórias, por ele chamada de “flashes”, da cidade de São Paulo no dia 9 de maio de 2000, e fatura o Prêmio Machado de Assis da mesma Academia. No mesmo ano, Fernando Bonassi publica o ótimo *Passaporte*, relatos de viagem em forma de micronarrativas que vão muito além de relatos. Mas precisariam de mais alguns anos para que o reducionismo na ficção chegasse ao seu ápice, uma radicalização enriquecedora para a compreensão e estudo da micronarrativa: *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*, orga-

nizado pelo escritor Marcelino Freire em 2004.

A antologia traz cem contos de até cinquenta letras de renomados autores brasileiros contemporâneos como Glauco Mattoso, Sérgio Sant’Anna, Márcia Denser, Miguel Sanches Neto e, claro, Fernando Bonassi e Luiz Rufatto. É nessa obra que se entende a essência do conceito de “rapidinha”:

Uma vida inteira pela frente.

O tiro veio por trás.

O texto de Cíntia Mosovich tem dez palavras, sem título nem qualquer outra referência. E a um leitor contemporâneo, acostumado com Rubem Fonseca e a violência urbana, encerra todo um significado. Não há descrição alguma assim como na “rapidinha” não há perfume. As personagens não têm nome, assim como na “rapidinha”. Não há cenário, ou melhor, o cenário pode ser qualquer um. Já apresentação da obra, Ítalo Moriconi afirma: “alguém já disse, poesia é uma frase ou duas e uma paisagem inteira por trás”. E deve ter havido alguém – provavelmente um homem – que tenha dito: “sexo é orgasmo e uma enrolação inteira antes”.

Evidente que a analogia sexo/narrativa é mais humorada do que científica. Mas consegue, além de ser descritiva, dar uma pista para o juízo de valor dessa nova estética. Em meio a uma vida sexual repleta de beijos, carícias, abraços e massagens, há de haver momentos de rompante sexual e transas alucinadamente rápidas. Mas não serão a regra, sob o risco de banalizar o orgasmo e tirar dele seu melhor: a intensidade. Assim o é com a micronarrativa: em meio a aparente mesmice dos romances, novelas, contos, filmes a que somos submetidos, cai bem a velocidade alucinadamente rápida da micronarrativa. Mas não pode ser ela a regra sob o risco de banalizar a narrativa e dela tirar seu melhor: a intensidade.

Luíz Horácio

O gato e o farol

O farol. A razão, o sentido, a utilidade da solidão. Meu avô me deu isso. Nunca esqueci. Hoje, finalmente, me trouxe-ram o farol. Insisto desde meu aniversário de oito anos, anos, décadas, implorando. Sei que dentro de cada farol vive um homem. Um homem que eu sempre quis conhecer. Um homem triste, ele me chama. A tristeza não suporta a solidão. A solidão faz com que ele tenha um gato. Um gato como companhia. Ele fala com o gato? Sei que os gatos costumam conversar com o vento, não gosto de gato. Será que ele consegue ser feliz? Não, não me interessa a felicidade. E se for feliz, o que importa? Feliz e solitário. O que é um feliz solitário? Sou velho, mas ainda sou criança e criança não deve se preocupar com felicidade. Meu avô também me deu isso.

-Você.

Um grito vindo das minhas costas, um grito com vento.

-Você mesmo, você aí. O que você está fazendo aqui?

-Vim com minha mãe e o meu avô.

-Fazer o quê, o quê... o quê neste fim de mundo?

-Seu gato está comendo um bicho, acho que é um passarinho.

-Não se meta. Onde está sua mãe?

-Lá embaixo, com meu avô.

-Por que vieram?

-Eu pedi.

-Pra quê?

-Seu gato está comendo outro bicho, você não dá comida a ele?

-O gato não é meu. Daqui a pouco vai escurecer.

-Quero ver, de noite o farol vira farol de verdade.

-Vem cá. Senta. Vou contar uma história que se deu comigo. Eu tinha sua idade, uns dez anos mais ou menos, acertei? pois é. Naquele dia eu estava brincando com um carrinho quando a ambulância veio e levou meu pai. Pra nunca mais, não quis olhar quando o arrastavam e ele gritava. Não olhei, mas os gritos traziam as imagens. Ele tinha uma doença, não reconhecia ninguém, só chorava, chorava e gritava alto, muito alto. A doença, garoto, como é seu nome?, ah Luíz, pois a doença Luíz é pior, muito pior que a morte. Pior que não ter pai é ter um pai que não está vivo tampouco está morto. Eu tinha a sua idade. Às vezes acho que ainda tenho aquela idade, a idade de quanto fiquei sem pai. Seu pai, por que não veio?

-Não tenho pai.

-Morreu?

-Não, foi embora.

-Sente saudade?

-Curiosidade. É a mesma coisa?

-Pode ser.

-Ele foi embora antes de eu nascer.

-Você sabe por quê?

-Tinha modo que eu nascesse



Ricardo Pozzo

aleijado.

-Por que não esperou?

-Não me pergunte.

-Vamos procurá-lo?

-Como?

-Com o farol.

-Não, não quero. Ele sabe onde eu vivo e nunca me procurou. Ele não quer ser pai. Você vive sozinho aqui, não casou?

-Sou velho, velho tem que viver só.

-Mas antes você era novo.

-Você se engana, garoto, sempre fui velho. Você, você, por mais que envelheça nunca envelhecerá. Como é o nome de seu pai? Talvez eu conheça. Mas como sua mãe botou em

você o nome do cara que não quis ver o filho? Vamos trocar seu nome. De agora em diante vou chamá-lo de Gabriel.

-Não, isso é nome de anjo e anjo não serve pra nada. Anjo é só decoração. Também foi presente de meu avô.

-Vamos ver... vamos ver... Wagner, você gosta de música? Sua mãe é pianista, veja só. Está escurecendo.

-Você não respondeu minha pergunta. Nunca casou.

-Casei, não deu certo. Vamos mudar de assunto? O que você mais quer, o que o faria feliz nesse momento, aqui, agora? -Aqui, agora? eu queria chorar.

-Por que não chora?

-Como é seu nome?

-Luíz, se escreve que nem o seu. Sua mãe seu avô estão vindo. Tenho que entrar. Você voltará?

-Me convida, eu volto. Posso levar o gato?

-Não é meu.

-Antes de eu ir, diga o que você mais quer, o que o faria feliz nesse momento, aqui, agora?

-O que mais quero... o que mais quero... tempo!

Regressamos, apenas meu avô falava durante o trajeto. O gato continuava comendo um bicho, um passarinho. De onde ele tira tanto passarinho?

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico

Preparatório - Graduação Pós-Graduação

Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

O saudosista

Mateus Ribeiro

'O rock morreu, cara', diz o cabeludo da jaqueta de couro, calça apertada e sapato fino. Afirmção típica do saudosista, aquele que enterrou a música, na qual 'tudo já foi inventado'. O saudosista tem como principais ídolos gente morta por overdose, gente vista em preto-e-branco, gente que morreu jovem e gente já muito velha.

Para ele, comparar qualquer iniciativa musical de hoje com as do passado é um crime, visto que seus ídolos provêm de tempos remotos. Nada em qualquer substância física ou imaginária tem o direito moral de superar o rock progressivo. Trocaria um rim por ter comparecido ao Festival de Woodstock; sonha em ficar como Keith Richards e suas citações favoritas são do Johnny Cash.

Seu correspondente no futebol é bem parecido. Isso não quer dizer que o saudosista da música atue da mesma forma no esporte, embora muitas vezes o fenômeno ocorra. O saudosista do futebol odeia o 'futebol moderno', acha que todos os jogadores do Universo assinaram uma cláusula de fim de caráter na década de 80 e que hoje o mundo da bola não presta. Afinal, falta o camisa dez à moda antiga – como se sobrassem Zicos em outras épocas.

'Futebol romântico', 'amor à camisa' e 'Garrincha' são argumentos frequentemente utilizados pelo saudosista da bola. Ao contrário do musical, que passa dias ouvindo criações mais antigas do que sua própria existência, o boleiro



Ricardo Pozzo

muitas vezes nem assistiu àquilo que tanto rasga elogios. Quantas partidas alguém viu do Domingos da Guia para ter ojuízo de compará-lo a alguém que, hoje, pode ser acompanhado todo fim de semana? E nem ouse perguntar se qualquer jogador contemporâneo teria vaga no Santos de Pelé ou no Brasil de 82.

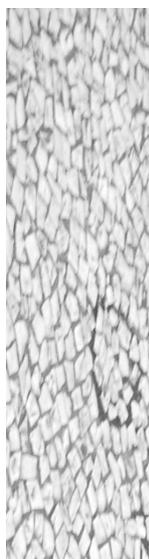
O saudosista da bola detesta patrocínios, negociações, torneios sem regras risíveis, Cristiano Ronaldo. Para ele, o futebol vem numa decadência tão arrasadora que mal há motivos para seguir em prática. Garrincha e Nilton Santos – até Neto, se apelar – são seus ídolos, e ele prefere camisas de algodão, enquanto seu

adjetivo favorito é 'vendido'. Quando lembram (ou imaginam) os tempos que passaram, ambos seguram lágrimas. Mas não essas lágrimas Neymar de hoje em dia!

Lado B
Chapel Club – All the Eastern girls (Palace, 2011)

Bom dia, Mau Humor

Priscila Schip



Cutuca, beijinho, belisca, acorda. Mais beijinhos e cutucos e beliscos e cócegas. "Cócegas não", irrita, "sai", travesseiro em cima da cabeça, agarra a coberta. "Você tem que levantar". "Não quero". "Você tem que ir pra aula". "Que saco". "É sério, acorda", beijinhos. "Não. Não. Não". "Agora é sério". Ele levanta, puxa a

coberta. Ela emburra e vira pedra. Ele a puxa pelos pés, ela segura na cabeceira da cama. "Te odeio, te odeio, te odeio". Ela cede, ele puxa. Puxa pra si. "Bom dia, Dorminhoca", beija. Ela se entrega.

"Toma o seu café, Mau Humor". Ela toma, nenhuma palavra. Ele ri e a empurra. Ela levanta, coloca a calça jeans aos

pulinhos tropeçando nos sapatos, reclama. "Cadê meus brincos?". Ele entrega rindo. Ela reprova. "Abre os olhos". Ela tenta focá-lo.

"Vai, vamos, você vai se atrasar". "Que saco, tô pronta". "Vou descer com você". Coloca a bolsa nela, coloca os braços dela em volta do próprio pescoço, beijinho, abraço, "boa aula, abre os olhos, tá linda".



CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES

Avenida Victor Ferreira do Amaral, 342 - Centro -
Araucária. Fone: (41)3642-1622

Les choses que si passent avec moi.

Arthur Tertuliano

Proveitei meus últimos minutos de facebook ilimitado no aeroporto. Vacilei de não ter comprado uma revista na primeira banca que encontrei – ela não estava disponível em nenhuma outra. [Pior que não lembro mais que revista era essa. Com relação às bancas de revistas, só consigo lembrar que gostei bastante de ter aberto pela primeira vez uma Piauí: li apenas um texto – da Vanessa Bárbara, lógico.] Voei para o Rio ao lado de uma guria bonita e simpática que estava viajando para se encontrar com o namorado. Almocei com ela no aeroporto. [Eu não fazia ideia de que o Galeão era tão fora de mão. Um amigo meu que mora por lá nem conseguiu me ver. De todo jeito, não foi grande o tempo entre chegada e partida.] No voo, ela leu os últimos capítulos de *Viagem ao Centro da Terra*, de Jules Verne. Ela não sabia quanto media um pé. Usava um vestido preto de poá branco. Mariana.

No voo, Curitiba era uma imensa branquidão, o que só mostra ser acertada minha decisão de torná-la parâmetro para a faixa branca da bandeira de Pernambuco. [Ideias para um romance que comecei a escrever. Acho que demoraria muito para explicá-las.] Neste momento, faltam 2/3 do voo. Faltam 05h40, 5478 km. Estamos perto de Dakar no mapa. Sei que deveria tentar dormir, mas não consigo. A janela está preta, o oposto de Curitiba, e isso talvez seja significativo. [Quando estava para chegar a Paris, a paisagem que eu via pela janelinha era tão parecida com a de algumas cenas de *Lost* que eu comecei a pensar, pela minha posição no avião, onde é que eu ia parar na ilha do seriado. Como estava na cauda da aeronave, eu só apareceria na segunda temporada, junto com o grupo de Ana Lucia e Mr. Eko.]

O Rio é lindo de cima: não pude deixar de chorar um pouco ao vê-lo. O avião é moderno, tem tozinhas touchscreen com filmes, jogos e séries. Vi *Friends*, vi *CRAZY STUPID LOVE*, em vez de ler as cartas de *Zelda & Scott*. [Antes de partir, fiz uma enquete entre meus amigos se eu levava Clarice, de Benjamin Moser, ou *Querido Scott*, *Querida Zelda*, uma reunião de cartas do casal Fitzgerald. O último venceu.] Eu chorei durante o filme. [Sim, eu estava meio sentimental.] Acho que não estou mais apaixonado. Mas, ah, como eu gostaria... [Ir pra Paris faz a gente pensar nessas coisas, meio como o protagonista de *Moulin Rouge*, que, antes mesmo de conhecer Satine, já ama o amor. Interessante que, ainda que eu tenha escrito isso no caderno há mais de um mês, o dia em que escrevo meu comentário atual parece “justificar” que eu tenha feito essa reflexão. Divago.]

Vi duas cenas musicais do filme dos *Muppets*, as duas com Amy Adams, aquela fofa. Também farei de Paris uma *PARTY OF ONE*. *There's nobody here I don't know*. [A citação correta seria “*There's nobody in this party that I don't already know*”. Uma cena bem engraçada. Falarei sobre ela em outra oportunidade.] Pratiquei o francês com as aeromoças. Ele está pedindo misericórdia. [Caso não esteja claro, refiro-me ao meu francês.]

Estou dolado de um casal que se encaminha para uma excursão em Jerusalém. Francisco (do Ceará) e Alvoina Manoela (do Mato Grosso). Eles moram no Rio. Eu estou com tanta saudade de Recife que acho que todo mundo que não fala CURITIBANAMENTE tem sotaque pernambucano. [Escrevi isso por ter confundido o sotaque de umas três senhoras do Rio, em momentos diversos, com o da minha terrinha. Dava pra perceber que elas não eram “do Rio mesmo”, mas mesmo suas cidades de origem não tinha nada a ver com Pernambuco. Acho justo culpar a saudade pela minha falta de ouvido.]

Se este avião explodisse agora, não haveria rastro algum da felicidade que sinto com essa viagem. Corruptos não são caixas-pretas. (Ainda: vou sugerir ao *Aleph*) Eu gostaria que todo mundo pudesse se sentir feliz assim. Ou conseguisse sentir empatia por meio de meu personagem, mesmo que eu tivesse virado pó no céu do Oceano Atlântico, só porque encontraram um corrupto-caixa-preta intacto flutuando no mar. [Engraçado que eu só me liguei que o avião era da Air France quando minha amiga me perguntou se eu tinha ficado com medo por a aeronave ser dessa companhia. Ontem, um amigo disse que eu estava no voo que saía no mesmo horário e que eles só mudaram de número para as pessoas não ficarem com



Ricardo Pozzo

medo. De qualquer forma, eu tenho a teoria de que os aviões só caem quando as pessoas se esquecem dos acidentes: enquanto as pessoas lembrarem das tragédias da Gol, da TAM e da Air France, não cairão novos aviões dessas empresas.]

Não quero ser como J. Quero continuar vivo, ao menos mais um pouco, pra que minha mãe fique feliz MESMO. Não aquele feliz de “Ah, ele morreu feliz”.

Feliz MESMO. E esperançosa de fazer o mesmo um dia.

VOU DORMIR =)

- *Joyeux Anniversaire, Paulie! (fille très sympa!)* [Esse era o nome da aeromoça mais simpática do voo. À meia-noite, o comandante comandou um feliz aniversário coletivo para ela. Ensinei ao casal ao meu lado como cumprimentá-la em francês.]

- *jus de tomate (salé et froid, pas sucré)*. [No meu instinto de experimentar coisas novas, quando Paulie ofereceu sucos de laranja, maçã (*pomme!*) e tomate, escolhi o último. Valeu como experiência, mas acho que... Nunca mais! Era gelado e salgado, mais ou menos como beber molho de tomate. E ainda tinha um saquinho de sal e pimenta para “temperar”. A partir daí, toda vez que me ofereceram sucos, só pedi o de maçã mesmo.]

- *Il y avait d'autres films: The Big Lebowski; A fish called Wanda; Groundhog day; Drive (j'ai vu une part)*. [Minha empolgação com a viagem me impediu de dormir, ler e assistir a todos os filmes interessantes que havia na televisãozinha. Vi parte de *Drive* e acho que estava curtindo.]

- *café da manhã bem servido* [Atendimento igual, só na primeira classe do trem bala entre Londres e Paris.]

- *CHAT ON BOARD/OFFICE/*

- *controle q/ teclado etc*. [Anotações breves para falar dos aparatos tecnológicos, o que não farei. Só queria deixar registrado que, tendo deixado uma resenha pela metade ao viajar, cogitei terminá-la no avião. Enfiei o pendrive, abri o arquivo e até digitei duas frases, mas não rolou.]

CHEGUEI!

Todo mundo foi muito gentil comigo. Sorrisos enormes e eu consegui falar em francês sem titubear. Nada muito complicado, mas sinto que já é uma vitória. Em um momento, próximo ao pouso, pensei ter ouvido *La vie en rose* em versão instrumental. [Talvez eu quisesse apenas ter certeza de ter ouvido as boas-vindas de Paris logo no avião. Como não tinha certeza se não foi o meu cérebro que interpretou um conjunto aleatório de sons como essa música, certifiquei-me de ouvir o cover do Pomplamoose quando estava na casa da minha amiga.]

Um namorado deixou sua parceira dentro do RER e não entrou. [RER vem de *Réseau Express Régional*, algo como rede expressa regional. A linha B do RER liga o aeroporto Charles de Gaulle à cidade de Paris. Eu já estava no trem, com as malas atravancando o caminho dos passageiros que moram na região metropolitana da cidade e estavam indo trabalhar. Apesar disso, todos ao meu redor foram bem gentis e foi como se o mundo me abraçasse. Quanto à história que continua na frase seguinte, se ouviu o apito do fechar das portas e o namorado não entrou a tempo. Pareceu-me de propósito, como se para assustá-la. Na minha cabeça criei a historinha de que ele tinha reconhecido uma antiga namorada na estação e aproveitaria os poucos minutos de desencontro para dizer que em breve voltaria a ficar solteiro. Pareceu-me plausível.] Ela ficou *VRAIMENT* irritada: desceu na estação seguinte jogando tudo no chão fazendo uma cena. Expliquei em inglês para dois casais italianos o que houve; um deles gritou: *É o amor! ou Che cosa é l'ammore ou algo do gênero*. [Ah, o amor...]

* * *

[P.S.: Sinto dizer, mas acho que um pouco de sinceridade não faz mal. No final, acabei omitindo nomes de pessoas próximas. O diário de viagem pessoal é meu, afinal: meus amigos não têm nada a ver com minha escolha de publicá-lo por aqui. Nos próximos textos, peço permissão prévia.]

O céu está azul

Marcelo Reis de Mello

I

Calma. Calma.
 Desta cadeira de praia
 entre as taboas
 e as flores, apenas o último
 aceno, um lenço vermelho, vaga
 rosa. Gritam lá embaixo, o timbre
 é feminino: "Queimem o caixão
 deixem o corpo, deixem a pedra
 nua. O céu está azul
 nas Gemônias..." Calma.
 Calma. Onde tudo mais corre,
 os corvos, as vísceras,
 O amor está barato
 as frutas exóticas
 o preto apodrecido,
 a noite calma. Canta o branco,
 o branco escarnado. Teu sangue
 é teu silêncio, não há frasco
 nem prato, nem oceano.
 Entre os tapumes do teu quarto
 a tua revolução é um nó
 na garganta. Espreme esse nó
 - teu nome - e um cheiro
 de pasto ou de perfume
 cairá como aquelas pétalas de Moguer
 sobre teus olhinhos de burro
 e de rosa. O amor não é
 não pode ser isso, um quero
 porque quero. Deixa de bico,
 Marcelo. Prepara teu ventre
 com cuidado para a aporrinhção
 das vespas, na antecâmara
 dos ignavos. Calma. Não há vespas
 nem Dante nem Marcelo algum.
 Teu tempo é teu único templo
 e é magro
 e é muito. Desta cadeira
 de plástico a estúpida estátua
 abraça o outro (sempre)
 lado. E os bambus disfarçam
 as feias ranhuras nas paredes
 brancas
 envoltas da mesma cal
 com que ocultamos os corpos
 dos abutres
 nas valas comuns.
 Pequenos cemitérios
 formam perfilhados
 uma baía de obstetras
 onde as antenas (não as da raça)
 metálicas e imensas,
 trazem notícias de crianças
 carbonizadas. Calma. Calma.
 Os gatos estão dormindo

e as maritacas
 são pássaros mansos e ruidosos
 (como alguns poetas)
 brincando nas calhas
 a luz é como a água
 e os olhos são como os peixes
 nos samburás. Depois
 limpar as vísceras, fritar
 as ovas e amarrar uma pedra
 aos tornozelos. Calma.
 Desta varanda, colado a esta
 cadeira branca entre
 as taboas e as flores (o vaso
 está pequeno para a samambaia)
 vejo a dor partindo como se um caracol,
 vagarosa. Não há ninguém
 lá embaixo
 não há ninguém
 e meu esqueleto é meu único
 cabide. Desculpe, vou entrar.
 As panelas estão sujas,
 as moscas não perdoam
 as bananas de ontem
 as cascas de ovo,
 a carne, a calma.

II

Quanto drama. Apenas porque as coisas parecem fatigadas
 das minhas mãos, a escumadeira, os garfos, a pia inoxidável.
 Apenas porque as coisas continuam
 indiferentes,
 são coisas cruas
 na sua implacável indiferença: o repouso úmido e frio da louça
 é o mesmo frio de lata nas faces dos homens.
 As coisas da casa resistem ao tempo e ao fogo
 pois em seu sossego de lápide pousam as asas dos pássaros abatidos,
 as garras dos gatos envenenados,
 o musgo branco que uma rosa vomita quando morre.
 Mas não resistem ao toque, ao toque de mãos vivas
 (por força da fragilidade que emanamos) tonam-se
 coisas simples, simples coisas, escumadeira, garfo, pia inoxidável.
 As pontas dos dedos carregam toda metafísica, mas quando tocam
 convertem novamente mangas em frutas, beijos
 em contas não pagas, o gás, a luz, o telefone, convertem
 as exageradas Gemônias em ponto de ônibus,
 cujo céu tão excessivamente azul fere os olhos
 - e apesar de tudo tão sonho abstrato -
 há terra debaixo das unhas e o peso de um corpo a carregar.

Ricardo Pozzo

Poemetos de Viagem

Ricardo Domeneck



I. Da beleza mimética
um menino
muito bonito
na sala
para fumantes
do aeroporto
de zuri que
estava a fitar
com a cara
enfiada na tela
os peixes do aquário
que era no entanto
digital (ecológicos
os suíços)
e eu

por minha vez
o fitava
e me perguntava
se percebia
que aquilo
não eram mesmo
peixes
mas então pensei
ora são peixes

II. Da bondade benfazeja dos céus
Ainda que cínicos
diriam que comprada
bondade é bondade

a aeromoça
oferece-me chocolates
eu aceito os chocolates
não é preciso
o som dos sinos
para que se reconheça
uma benfazeja
e que nosso martírio
e a serotonina
nossa de cada dia
são compartilháveis

III. Das mesmices da língua
Foi na cidade

do Porto
que um radialista
a discutir
em seu programa
os hábitos
sexuais dos jovens
portugueses,
ao referir-se ao que nós
brasileiros
chamaríamos de sexo
sem preservativo,
falou sobre “relações
desprotegidas”,
e emocionou-me
até o carço.